

# Editorial

DOI: 10.70048/percurso.73.7-

## Traumatismos, clínica e política

7

Uma revista costuma refletir o momento histórico em que é publicada, com a *Percurso* não é diferente.

Em tempos de corpos afetados pela ação da pulsão de morte – há muito não mais tão silenciosa quanto formulava Freud nos anos 20 do século xx –, tempos de diluição de distinções estabelecidas entre realidade e ficção, realidade e fantasia, humano e máquina, animal e humano, quando o paradigma da necropolítica e da guerra impera, é oportuno encontrar os textos reunidos neste número. As noções de “trauma”, do “traumático” e do “choque” se encontram presentes nesta edição não enquanto categorias de exceção, mas como as moedas correntes do cotidiano psíquico. No Brasil, em especial, a violência do racismo, do sexismo, do feminicídio, da transfobia, da dizimação dos povos originários, tem alçado essas categorias para um lugar antes menos ocupado em nossa atividade clínica. Nessa direção, alguns artigos trabalham a especificidade e impasses da subjetivação da pessoa negra em uma cultura marcadamente racista. Também as ideias de Sándor Ferenczi tornam-se valiosas em tempos assim.

O húngaro, que foi o mais próximo interlocutor de Freud, dedicou-se a pensar as interações entre a criança e seu meio como potencialmente traumáticas, e foi capaz de descrever o encontro clínico e a repetição considerando o que ambos traziam de potencialmente curativo. Era preciso, argumentava, repetir durante a análise, mas de forma a que a vivência atual contrastasse com o passado perturbador. Favorecer esse movimento só era possível, em sua opinião, se o

analista mantivesse uma atitude sensível e sincera, e se estivesse profundamente atento a seu próprio psiquismo. Mas mesmo as ideias interessantes precisam de um ambiente capaz de fazê-las repercutir.

No primeiro semestre de 2024, aconteceu em São Paulo a 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, que agitou o interesse pelo autor entre nós. Seis dos textos que o leitor encontrará neste número, demarcados com uma faixa

cinza em nossas páginas, foram originariamente trabalhos apresentados nesse evento.

Essa qualidade de agitar as coisas também está presente na bela entrevista com Ana Sigal, colega importante na história do Departamento e no Movimento Articulação, e na seção Debate, que promove uma discussão sobre o autismo. Contamos ainda com as indicações da seção Leituras e o sempre instigante Debate Clínico.

Boa Leitura!